

Políticas públicas como resolução de mistérios? Dorothy L. Sayers e o debate britânico sobre planejamento

Rafael Galvão de Almeida¹

Resumo: Este artigo investiga a contribuição da escritora policial e intelectual pública Dorothy L. Sayers ao debate público britânico nos anos iniciais da década de 1940. Em particular, seu livro *The mind of the maker* (traduzido como *A mente do criador*) é um marco nos seus escritos por ser uma exposição sobre como o conceito da Trindade pode ser um modelo para entender o processo criativo. O capítulo 11 do livro reúne aplicações práticas, incluindo sobre políticas públicas. Ela demonstra ceticismo em relação à capacidade de técnicos em elaborarem planos bons porque pode lhes falta um entendimento completo da situação. Ao invés disso, existe o perigo de se tratar problemas públicos como mistérios a serem resolvidos, sendo problemas reais são muito mais complexos do que os da ficção. Por isso podem haver problemas no processo de planejamento que precisam ser vistos com certo ceticismo.

Palavras-chave: Dorothy L. Sayers; planejamento econômico; economia e literatura

Área temática: 3. HISTÓRIA ECONÔMICA, DO PENSAMENTO ECONÔMICO E DEMOGRAFIA HISTÓRICA

¹ Doutor em economia, CEDEPLAR/UFMG. E-mail: rga1605@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/4523041170917235>

Políticas públicas como resolução de mistérios? Dorothy L. Sayers e o debate britânico sobre planejamento

I. Introdução

Na história da literatura, temos exemplos de vários escritores se engajando com economia e das políticas públicas. A vasta maioria deles não tem treinamento formal em economia. Isso, porém, não os impediu se engajarem com conceitos econômicos e políticas públicas², porque a economia é parte da vida diária, seja ela real ou fictícia. Embora possam não contribuir muito para discussões teóricas, eles podem ter algo a dizer sobre os efeitos de políticas econômicas na sociedade e persuadir o leitor comum³ da realidade dos seus argumentos.

Um desses escritores foi Dorothy Leigh Sayers (1893-1957). Durante o período entreguerras, Sayers ficou famosa por suas histórias de detetive. Ela escreveu durante a era que os eruditos chamam de “Era Dourada das Histórias de Detetive”. O principal personagem de Sayers era o detetive aristocrata Lord Peter Wimsey, que estreou em doze novelas e muitos contos, tornando-se um dos ícones do gênero (SCAGGS, 2006, p. 26).

Sayers, porém, não era apenas uma escritora de mistérios. Seu pai, Henry Sayers era um erudito clássico e um músico (HITCHMAN, 1975, p. 21-22); ela já sabia francês e os clássicos aos 15 anos (*ibid.*, p. 25). Ela ganhou a bolsa para Oxford e foi uma das primeiras mulheres a receber um diploma de Oxford, com honra ao mérito (COOMES, 1992, p. 46, 55). Ela foi presidente da Modern Language Association britânica⁴ (*ibid.*, p. 127). Ela era convidada frequente nas transmissões da BBC e outras conferências; até Sir Richard Acland a convidou para ser parte do governo (ela recusou) (*ibid.* p. 143). Ela passou os últimos anos de sua vida traduzindo a *Divina Comédia* de Dante⁵ (HITCHMAN, p. 175-186; COOMES, p. 171-183). Em suas palavras, ela sempre se reconheceu como uma erudita, chamando a si mesma uma “erudita que não deu certo” e que “por treinamento eu sou, mais ou menos, uma erudita, por vocação eu sou uma escritora de histórias e peças de teatro” (COOMES, 1992, p. 113-114, 206). Portanto é claro que ela não era apenas uma romancista, mas também uma dramaturga, filósofa, pioneira da teologia pública, especialista em linguagem e, mais importante, uma intelectual pública.

² Jogos online grandes, por exemplo, requerem economias internas complexas para os jogadores as explorarem e elas devem “fazer sentido” dentro de seu universo (devem ser institucionalmente consistentes o suficiente para que o jogador veja a economia fictícia ser explicada realisticamente o suficiente por si mesma) para manter engajamento; portanto, conhecimento de economia da vida real ao construí-las é de grande valia. Ver Knowles, Castronova e Ross (2015).

³ O “leitor comum” é o leigo que tem interesse em questões científicas, mas que não tem tempo de ser treinado formalmente. Portanto, ele tem grande interesse em materiais de divulgação científica.

⁴ A revista da associação escreveu que “Somo felizes em ter... em nossa presidente não só uma romancista renomada, mas também uma grande erudita” (COOMES, 1992, p. 127). Não confundir com a Modern Language Association americana, que existe até hoje.

⁵ Ela faleceu antes de completar o projeto, deixando para Barbara Reynolds continuar (REYNOLDS, 1993, p. 353; 2005).

Sendo uma intelectual pública significava que suas opiniões eram relevantes o suficiente para serem consideradas pelo público em geral. Um desses trabalhos foi *A mente do criador* (daqui em diante, *Mente*) (SAYERS, 1941).⁶ Sayers chegou a dizer que foi o seu único trabalho que não foi um “trabalho encomendado” (COOMES, 1992, p. 199), o que enfatiza o quão importante ele foi para si mesma (REYNOLDS, 1993, p. 307). *Mente* foi uma exploração do processo criativo, usando a doutrina da Trindade como modelo deste processo criativo. Nos primeiros dez capítulos, Sayers mistura teologia, filosofia, linguagem e as artes para criar uma explicação única do processo criativo, focando-se na harmonia entre a ideia, a implementação e a interação, para refletir a harmonia entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.⁷ O décimo primeiro capítulo, “A colocação do problema”, tem uma mudança de tom, entretanto. É neste capítulo que Sayers disserta sobre as consequências práticas para o “leitor comum” (SAYERS, 1941, p. 146).⁸

As consequências não são apenas pessoais – o processo criativo do leitor em relação às suas próprias criações e em relação a Deus e aos outros – mais também sociais. *Mente* foi escrito num contexto de guerra e de discussões sobre o futuro da Grã-Bretanha. Apesar de Sayers não ter lido muito sobre economia, ela entendia o processo de resolução de problemas, com base nas suas experiências como escritora de mistérios. Ela criticou economistas, reclamando que “o economista profissional não é realmente treinado para responder, ou até mesmo se perguntar sobre valores absolutos” (SAYERS, 2004, p. 127) Seguindo discussões contemporâneas a ela, ela começou a perceber que muitos dos problemas relacionados ao planejamento da sociedade britânica eram tratados como se fosse mistérios a serem resolvidos. Dada a correspondência entre histórias e modelos econômicos observada pela literatura recente⁹, isso deve ser uma coisa positiva, certo? Não, diz Dorothy:

O uso irresponsável das palavras “problema” e “solução” pode nos induzir a formas de pensamento que não são apenas inadequadas, mas que são falsas. Ele nos leva a considerar todas as atividades vitais em termos de um tipo particular de problema, qual seja, o tipo que associamos à matemática elementar e aos romances policiais. Esses últimos contêm “problemas” que podem, de fato, ser “resolvidos” em um sentido bastante estrito e limitado, e penso que as palavras “problema” e “solução” deveriam ser reservadas somente a esses casos especiais. Aplicadas de forma indiscriminada, porém, elas se transformam rapidamente em um perigo mortal. Elas adulteram a nossa compreensão da vida de forma tão desastrosa quanto adulteram a nossa compreensão da arte. (SAYERS, [1941] 2014, p. 302).

⁶ A tradução utilizada é a disponibilizada por Gabriela Greggersen como parte de sua tese de doutorado (SAYERS, [1941] 2014; GREGGERSEN, 2014). A tradução foi publicada pela editora É Realizações (SAYERS, [1941] 2016).

⁷ A Trindade como revelação e as suas consequências práticas são amplamente reconhecidas na teologia cristã. Ver Gomes (2023).

⁸ Dada a relevância, o capítulo foi reimpresso na sua coletânea de ensaios da década de 1940, intitulada *Letters to a diminished church* (SAYERS, 2004).

⁹ Para uma revisão da literatura sobre economia narrativa, ver Almeida e Casonato (2023).

Portanto, o artigo argumenta que o décimo primeiro capítulo de *Mente* é uma contribuição ao debate da filosofia por trás do planejamento de políticas pública, interseccionada com a filosofia da religião, além de discussões públicas sobre planejamento na sociedade britânica. Seus pensamentos sobre criatividade e significado do trabalho também são fundamentais para entender sua posição, portanto uma introdução breve a eles será o tema da próxima seção.

II. O que podemos dizer sobre as ideias políticas e econômicas de Dorothy L. Sayers?

Durante sua carreira, Sayers nunca se identificou com nenhuma escola de pensamento. Apesar de seu discurso se parecer com a doutrina social da Igreja Católica e o distributismo, ela nunca se identificou com nenhuma delas (FLETCHER, 2009, p. 60).¹⁰ Uma coisa clara é seu comprometimento com a ética da lei natural, como exposta no primeiro capítulo de *Mente*: quanto mais as leis humanas se aproximarem da lei natural, maior será a liberdade humana e menor a probabilidade de a humanidade ser acometida por catástrofes. A lei natural não pode ser descoberta, apenas percebida (SAYERS, 1941, p. 7). Quanto mais as leis promulgadas pela humanidade, sejam elas codificadas ou não, estiverem de acordo com a lei natural, maior será o progresso social. Portanto, credos devem ser “constatações de fato sobre o homem e seu universo” (SAYERS, [1941] 2014, p. 167). Eles precisam ter essa autoridade para guiar ações morais.

Politicamente, ela era um *true blue tory*, eleitora assídua do Partido Conservador britânico. Ela prestava atenção a uma das principais doutrinas do conservadorismo burkeano: “ceticismo sobre o papel da razão na política” (HAMILTON, 2019). Em sua análise de *Fausto*, de Goethe, ela notou que o progresso e seus resultados, representados pelas promessas de Mefistófeles, fazem-nos negligenciar nosso senso de responsabilidade pessoal (SAYERS, 1945, p. 16-17). Por ter sido educada numa família conservadora (COOMES, 1992, p. 29), Sayers permaneceu por toda sua vida uma *tory*. Nas palavras de Hitchman (1975, p. 164), Sayers acreditava que “em cada igreja havia *algo* de Deus, mas na política ela não conseguia ver gradações, apenas preto e branco, ou melhor, vermelho e azul”.¹¹

Muitos dos seus livros de detetive “dão bordoadas na ‘ameaça vermelha’” (HITCHMAN, 1975, p. 63, 121). Para ela, o socialismo era a negação da responsabilidade individual e sem base na realidade – uma rebelião contra a lei natural. Ela acreditava que um governo trabalhista (o principal partido de esquerda no Reino Unido) iria levar o país à “tirania”, porque todos os aspectos das vidas pessoais estariam sob escrutínio do governo (COOMES, 1992, p. 158). E o Partido Trabalhista

¹⁰ Fletcher argumenta Sayers não acreditava que um retorno a uma sociedade agrária iria resolver muita coisa, diferente do que o distributismo pregrava (FLETCHER, 2009, p. 60). O distributismo foi uma doutrina econômica propagada por Hilaire Beloc e G. K. Chesterton (uma figura que Sayers nutria um respeito profundo), que defendia a distribuição de renda e o retorno a uma ordem econômica predominantemente agrária, ver Nascimento (2016).

¹¹ Isso não a impedia de reconhecer socialistas virtuosos, como o padre socialista reformista John Groser (REYNOLDS, 1997, p. 334).

realmente ganhou em 1945, o que a deixou chocada (HITCHMAN, 1975, p. 164). Na sátira “Credo da Eutanásia”, ela ridicularizou George Bernard Shaw e os socialistas fabianos por sua crença num ídolo chamado “espírito do progresso” (*ibid.*, p. 197).

Por outro lado, ela não tinha muita simpatia pelo capitalismo. Para ela, a sociedade capitalista era definida pelo “egoísmo obstinado e cobiça estúpida” e que “a doutrina ultraotimista do *laissez-faire* estava completamente desacreditada” (SAYERS, 2004, p. 47, 59). Ela criticou o desperdício de recursos necessários para construir a sociedade capitalista, chamando de “maligno e cheio de desperdício” (SAYERS, 1940, p. 70). Seria falacioso supor que o mecanismo de oferta e demanda do mercado automaticamente refletisse a lei natural enquanto que as suas consequências eram tão visíveis – desigualdade, consumismo, profanação do trabalho, destruição da natureza. Ao comentar um fiasco agrícola britânico em Tanganyika, ela chegou a dizer que seria melhor poupar o povo africano do “industrialismo, instituições europeias, política partidária e o desperdício e cobiças selvagens do nosso tipo de agricultura” (COOMES, 1992, p. 159).

Uma das fontes do seu desgosto pelo capitalismo vem da sua experiência trabalhando em uma agência de publicidade. De 1922 a 1930, ela trabalhou numa agência chamada Benson’s, onde ela trabalhou em várias campanhas publicitárias bem sucedidas e para promover princípios éticos melhores no marketing. REF Sua novela *Murder Must Advertise* se inspirou em sua experiência lá, o que levou à sua bem-conhecida frase comparando a verdade na propaganda ao lêvedo na massa de um bolo, para enfatizar como o jogo de palavras é utilizado para vender produtos¹². Existe uma grande diferença entre um público mais alfabetizado e um público mais educado, e a propaganda poderia borrar essa distinção (SIMMONS, 2005, p. 40). Sayers testemunhou a emergência de uma cultura consumista (FLETCHER, 2009, p. 56), que adora a Mamom¹³, colocando a cobiça no centro das decisões econômicas, sendo “descontrolada e irresponsável” (COOMES, 1992, p. 96). No fim, os rejeitos e imoralidade fazem com que a sociedade consumista seja “uma casa construída na areia” (SAYERS, 1940, p. 57).

¹² Quando perguntado se a propaganda dizia a verdade, Wimsey respondeu: Mas é claro que existe alguma verdade na propaganda. Existe fermento no pão, mas você não pode fazer um pão só com fermento. A verdade na propaganda é como lêvedo, que uma mulher introduziu em três medidas de farinha. Ele fornece uma boa quantidade de gás, que pode transformar uma massa de engano cru em uma forma que o público pode engolir. O que incidentalmente me leva à delicada e importante distinção entre as palavras ‘com’ e ‘de’. Suponha que você quer vender refrigerante, ou para não preconceituoso, digamos que seja perry [bebida de pera popular na década de 1930]. Se você disser ‘Nossa perry é feita apenas de peras recentemente colhidas’, então é feita apenas de peras, ou a afirmação é acionável; se você disser que é feito ‘de peras’, sem o ‘apenas’, é provável que seja feito na maior parte de peras; mas se você disser ‘feito com peras’, você geralmente quer dizer que você usou um pouco de peras junto com um monte de rabanetes, e a lei não pode te punir – essas são as vicissitudes da língua inglesa.” Seu parceiro responde: “Lembre-se disso, Mary, da próxima que vez que for às compras, não compre nada que não seja ‘de, apenas’.” (SAYERS, 1933).

¹³ Ver Xavier (2020) para uma exposição sobre o significado de Mamom na Bíblia.

À luz do papel da lei natural no pensamento de Sayers, uma sociedade fundada na cobiça capitalista não pode ser uma sociedade livre, porque aqueles que são melhores em explorar essa cobiça são também aqueles que tomam os frutos do trabalho dos seus donos por direito. Ela até reconheceu que os comunistas “fazem muito barulho” ao dizer que “o trabalhador deve ter posse das ferramentas do seu trabalho” (SAYERS, [1941] 2014, p. 322). Uma teologia/filosofia do trabalho é um tópico de alta importância para Sayers¹⁴. Muito já foi escrito sobre esse assunto (KEENY, 1980; MILOS, 1998; SIMMONS, 2005, p. 111-122; FLETCHER, 2009, 2013; LERMITTE, 2020). O trabalho, para ele, deve ser um “modo de vida”, isto é, o cumprimento de uma vocação, para realizar a “glória de Deus” (SAYERS, 2004, p. 118). Ela via a “falsa economia” como uma das causas da guerra – ela se referia à “falsa economia” em conjunção com suas visões mencionadas anteriormente de crescimento por meio de desperdício e exploração. É uma economia que nos controla e nos leva à infelicidade (SAYERS, 1940, p. 24, 33, 97).

Deve se notar que, quando ela se refere à “economia”, ela não está se referindo à economia dos livros-texto de microeconomia – apesar de ela ter desgosto pelo homem econômico “sem humor, sem paixão, sem sexo num vasto sistema financeiro” dos livros-texto. Ela tem em mente o “homem econômico” descrito por Peter Drucker, em seu livro *The end of the economic man*. Neste livro, popular no Reino Unido nos anos iniciais da guerra, Drucker criticou o fracasso do “homem econômico” em criar uma sociedade mais igualitária e justa; a essa desilusão pavimentou o caminho para o totalitarismo (DRUCKER, [1939] 2017, p. 45-50). Ainda assim, a falta de preocupações morais tem sido uma crítica comum à economia ortodoxa: o modelo econômico ingênuo trata o trabalho como *nada mais* que uma entrada amorosa numa função de produção. A eficiência deve, pelo menos, não ser a *única* medida de avaliar o trabalho, senão os trabalhadores irão ressentir e odiar seu trabalho (SIMMONS, 2005, p. 114, 115).

Sua visão do trabalho influencia todo o resto dos seus escritos. Todos os seus ensaios do período de guerra mostram preocupações não só com a realidade austera da guerra, mas também com o futuro, sobre o que fazer quando a guerra acabar. “O que vai acontecer quando as fábricas pararem de produzir armamentos?” (SAYERS, 2004, p. 122). As fábricas não irão mais funcionar em regime de pleno emprego, por isso será necessário manter uma sociedade consumista para dar emprego aos trabalhadores e movimentar a economia. Em resumo, ela considerou que reduzir trabalho ao conflito entre trabalho e capital ou aos augúrios de um mercado autorregulado eram simplificações perigosas que ocultam o verdadeiro significado de um bom trabalho.

III. A mente do criador versus a mente do planejador

¹⁴ Ver seu ensaio “Why work” (SAYERS, 2004, p. 118-139).

Deve ser notado que tanto a economia quanto a ciência econômica na década de 1930. O império britânico estava perdendo seu status de poder hegemônico após a Primeira Guerra Mundial (SCHAKE, 2017). As mudanças tanto na política interna quanto externa criou um ambiente onde tanto a esquerda quanto a direita temiam que a democracia britânica não sobrevivesse a eficiência da Alemanha nazista e seu pleno emprego (MIDDLETON). Ainda assim, o Reino Unido permaneceu como o centro mais importante de irradiação de ideias econômicas e onde as maiores discussões sobre o papel dos cientistas sociais no governo aconteciam (SUPRINYAK, OLIVEIRA, 2018).

Portanto não deve vir como surpreendente a emergência da disciplina da macroeconomia no Reino Unido, com a publicação da *Teoria geral do juro, do emprego e da moeda*, de John Maynard Keynes. Keynes advogou pelo aumento do investimento público para restaurar a demanda efetiva; assim, a macroeconomia deu uma justificção para um aumento do papel do estado na economia (KEYNES, [1936] 2010; DE VROEY, 2016; ACCOCCELLA, DI BARTOLOMEO, HUGHES HALLET, 2016) – embora recomendações de um aumento em seu papel já estavam presentes na literatura britânica (KAHN, 1931). Desenvolvimentos na estatística e econometria ajudaram a dar uma visão mais “empírica” da economia, para que economistas pudessem encontrar as relações causais por trás do desenvolvimento econômico, como se elas fossem frutos de uma física social (MORGAN, 1990).

Era desejo de muitos políticos trabalhistas ter uma sociedade melhor planejada, mas o planejamento era parte da agenda dos políticos liberais e até mesmo conservadores. Era algo que já estava emergindo desde a década 1800 e foi um dos fundamentos que manteve a coalizão tri-partidária durante a guerra; o relatório Beveridge, que propalava o estabelecimento de um estado de bem-estar social no Reino Unido, era a culminação desses desenvolvimentos (ADDISON, [1975] 1994; WHITESIDE, 2014; BACKHOUSE, BATEMAN, NISHIZAWA, 2017). Havia vozes distensoras, como Friedrich Hayek, que alertou contra a ideia de que a economia poderia ser reduzida a algumas relações causais que podem ser prontamente manipuladas por burocratas iluminados (CALDWELL, 2005, p. 232-260); C. S. Lewis, um bom amigo de Sayers¹⁵, criticou abertamente a engenharia social na sua novela *Uma Força Medonha*, com os vilões sendo burocratas da NICE – eles começaram pesquisando como melhorar a sociedade sem impedimentos, terminando com invocações de demônios para criar um “Homem Tecnocrata e Objetivo” (LEWIS, 1945, p. 22, 317).

Como mencionado anteriormente, apesar de não participar diretamente do debate econômico, Sayers era uma intelectual pública e, portanto, parte dessa discussão. Seu sucesso como novelista e dramaturga, aliada a uma nova apreciação por pensadores cristãos (SIMMONS, 2005, p. 44;

¹⁵ Ver Gaspar (2023).

JACOBS, 2017, p. xii-xiv), ajudaram a dar uma perspectiva cristã nos assuntos em questão. Mesmo que *Mente*, em suas palavras, não fosse um trabalho de apologética (SAYERS, 1941, p. viii), seu estilo didático e argumentos diretos expunham a doutrina cristã ao leitor comum, que vivia em constante medo da guerra ser trazida ao lar.

Para ela, o processo criativo depende da interação entre uma trindade na consciência humana:

Em primeiro lugar, (não no tempo, mas apenas por ordem de enumeração) há a Ideia Criativa, livre das paixões, atemporal, que contempla toda a obra completa de uma só vez, o fim no princípio, e esta é a imagem do Pai.

Em segundo lugar, há a Energia Criativa (ou Atividade) concebida por essa ideia, que trabalha no tempo desde o começo até o fim, com suor e paixão, sendo encarnada nos laços da matéria, e esta é a imagem da Palavra.

Terceiro, há o Poder Criativo, o significado do trabalho e seu respaldo na alma viva, e esta é a imagem do Espírito que habita nela. E estes três são um, tendo cada um igualmente toda a obra em si, mas nenhum pode existir sem o outro: e esta é a imagem da Trindade. (SAYERS, [1941] 2014, p. 185).

Nenhuma pode existir sem a outra, assim como as três pessoas da Trindade não podem existir sem cada uma. Se aplicarmos a esse artigo presente, a Ideia emergiu da leitura de *Mente* e o relacionar com a pesquisa sobre história do pensamento econômico da década de 1930, a respeito da teoria da política econômica e do debate do cálculo socialista; a Atividade vem da pesquisa e da escrita do artigo em si; o Poder vem da construção do argumento, de interseccionar diferentes trabalhos de teologia, literatura, história da economia para demonstrar seu argumento: a contribuição dos escritos de Sayers a esse debate. Entretanto, devido às limitações humanas, nossa atenção a cada parte do processo criativo não será perfeita; essa é a fonte de imperfeições no processo criativo.

Devido ao fato de que a mente criativa se apoia nesse processo imperfeito, mas fundamental para comunicar seus pensamentos, Sayers enfatizou uma visão analógica da linguagem: “Os cientistas gastam tempo e esforço na tentativa de desembaraçar as palavras de suas associações metafóricas e tradicionais. Essa tentativa é fadada a se provar vã, uma vez que contraria a lei da natureza humana.” (SAYERS, [1941] 2014, p. 189). Se a ciência puder desenrolar as metáforas dos seus sujeitos, ela descobrirá relações causais que podem ser exploradas para o bem da humanidade. Esse processo pode ter uma falha fatal. Apesar desse método funcionar relativamente bem para as ciências físicas, ele pode entrar em colapso quando aplicado a outros contextos, porque os credos que são parte de nossas interações sociais são também metáforas criativas. Metáforas artificiais podem ter falta de algum dos componentes, normalmente o Poder Criativo, porque eles podem não ter a autoridade para inspirar as pessoas. Nas palavras de Sayers sobre a “fraqueza da propaganda e da autoajuda”: “não há diversidade. A Energia está ativa apenas naquela parte do todo, e, em consequência, a totalidade acaba sendo destruída e o Poder, reduzido.” (SAYERS, [1941] 2014, p. 196). Isso não precisa ser uma

mentira, muitas vezes nem é deliberada, mas assim como a troca de Wimsey sobre a propaganda, esse desequilíbrio muda a percepção dos fatos em algo que não é mais somente a verdade.

Sayers se preocupava com essas implicações práticas, tanto positivas quanto negativas. Um dos seus objetivos era lembrar ao leitor que ter uma mente criativa era mais importante do que ser paralisado pelo medo da guerra. Muitos dos desafios que o leitor comum enfrentava podem ser enquadrados como problemas que precisam ser solucionados; portanto, ele está sempre procurando “aumentar o conhecimento científico” na esperança de que esse conhecimento dê a ele “domínio sobre a natureza”. A realidade mostra que quanto mais esse “domínio” aumenta, mais complexos esses problemas se tornam, criando um ouroboros de domínio (falso) e estresse (SAYERS, 1941, p. 150).

Esse *framework* não é útil para analisar “problemas criativos”. Pode ser útil a “problemas analíticos”¹⁶, mas o processo criativo não é um “problema” que precisa ser resolvido:

Da nossa breve investigação sobre a forma de criar do criador humano, deve ter ficado bastante claro que o criador não parte de um conjunto de dados para proceder como quem tenta solucionar palavras cruzadas ou como um estudante de álgebra elementar, que tenta chegar a um resultado definitivo, previsível, completo e o único. (SAYERS, [1941] 2014, p. 296).

Uma história de detetive é um problema analítico: um crime tem uma solução e, se for bem escrito, o leitor atento descobrirá a solução antes que as personagens a anunciem¹⁷. Um poema, por outro lado, não tem uma “solução”. A maior parte dos “problemas” humanos também não tem uma solução. “As situações humanas são sujeitas à lei da natureza humana, cujo mal está sempre imbricado no seu bem, e cujo bem só pode redimir, mas não abolir o seu mal.” (SAYERS, [1941] 2014, p. 299). Eles são fenômenos complexos. Se observarmos as conquistas da humanidade, temos a tendência de interpretar eles como soluções de certos problemas e considerar o resultado inevitável (SAYERS, 1941, p. 157). Podemos nos orgulhar das nossas conquistas, lamentando que os nossos ancestrais nunca viram algo tão óbvio em retrospecto.

Isso é falacioso. Quanto mais aplicamos esse método indiscriminadamente, mais pobres se tornam as nossas capacidades de apreciar arte e a vida. Novamente, seguindo as discussões sobre o jogo de palavras, não é necessário usar de mentiras ou fazer de forma intencional. Elas podem emergir

¹⁶ Para ilustrar o problema analítico no processo criativo, Sayers usou o exemplo de Shakespeare, em que um dos seus “problemas” era conseguir ingressos o suficiente para *Hamlet* e como coordenar os atores e o uso de adereços na peça (SAYERS, 1941, p. 156).

¹⁷ Isso é chamada de regra do *fair play*. Normalmente é acompanhada do “decálogo”, para evitar tropos como personagens inéditos no final e causas sobrenaturais. Assim, histórias de detetive são vistas como quebra-cabeças escritos (SCAGGS, 2005, p. 27, 35-36).

de conveniência para simplificar as coisas, mas existe tal coisa como “simples demais”. A vida não é simples.

Sayers identificou quatro características “problema matemático ou do policial que estão ausentes do “problema da vida” (SAYERS, [1941] 2014, p. 302); 1) o problema do detetive é sempre solucionável (quando a solução é encontrada, o problema cessa de existir, portanto o problema foi *feito* para ser resolvido); 2) o problema do detetive é completamente solucionável (a solução é completa, nada é deixado em aberto); 3) o problema de detetive é resolvido nos mesmos termos que é resolvido (a solução está disponível com todas as ferramentas disponíveis); 4) o problema de detetive é finito (o problema acaba uma vez resolvido) (SAYERS, 1941, p. 157-166).

“Problemas da vida” não podem ser resolvidos de acordo com esse roteiro. Seguir esse roteiro de forma tão básica pode nos tentar a “ignorar as limitações deste jogo de detetive e a própria existência da regra arbitrária inicial que torna possível esse jogo.” (SAYERS, [1941] 2014, p. 314).

O exemplo que Sayers usa para ilustrar o ponto 3) é o problema do desemprego. Como definir desemprego? Como encontrar o balanço correto entre os vários fatores por trás desse fenômeno: Capital e Trabalho, Salários e Horas Trabalhadas, Propriedade e Retornos Financeiros (SAYERS, 1941, p. 163)? Como podemos falar de emprego sem trabalho? Sayers argumenta que não podemos resolver o problema do desemprego a menos que definamos propriamente “emprego”, mas isso requer que simplificações sejam feitas; estas só podem produzir soluções incompletas, porque várias questões relevantes ficam ausentes do problema. Dada a centralidade do problema do trabalho vocativo em seus escritos, essa é uma questão que ela via como ausente de discussões econômicas (SAYERS, 1941, p. 177-178).

Novamente, mesmo sem treinamento em economia, Sayers sabia quão importante era definir o que o problema é, exatamente. Um dos principais pontos de discussão da econometria primordial era descobrir relações que encontrariam as “variáveis corretas” e, assim, encontrar a fonte do desenvolvimento econômico e explorá-la (MORGAN, 1990, p. 45). Logo, o orgulho humano cresceu, com suas técnicas de planejamento, que prometiam às nações do Terceiro Mundo desenvolvimento econômico do dia para a noite. O desenvolvimento era, então, um *problema*, cuja *solução* era encontrar a combinação mais ótima de entradas e projetos. Nas palavras de Albert Hirschman ([1967] 2009, p. 23): “os ‘experts’ já encontraram todas as respostas aos problemas e tudo o que é necessário é a ‘implementação’ fiel dessas recomendações diversas.”

Na realidade, assim como Sayers previu, os planos não entregavam o que eles prometiam. Eles ignoram a natureza dispersa do conhecimento econômico, que nenhum planejador consegue capturar (e.g. HAYEK, 1945). Não apenas isso, mas, mesmo quando eles produzem resultados, não

se entende o porquê deles terem “funcionado”.¹⁸ Os resultados para as nações do Sul Global que confiaram nas “soluções” de experts foram prejudiciais, até mesmo desastrosos.¹⁹

IV. Conclusão: a relevância de Dorothy L. Sayers

Albert Hirschman escreveu *As paixões e os interesses*, um livro sobre a história intelectual do conceito de “interesse”, a fim de ser lido tanto por apoiadores quanto críticos do capitalismo, para que eles pudessem melhorar seus argumentos (HIRSCHMAN, 1977, p. 135). Obviamente, as preferências ideológicas de Hirschman podem ser inferidas de sua obra, mas ele estava focado em escrever algo criativo. A mesma mentalidade deve ser aplicada quando lermos os escritos de Dorothy L. Sayers, sejam eles de ficção ou não-ficção. Através de *Mente* ela se esforçou em colocar o esforço criativo acima de tópicos políticos e religiosos²⁰. Portanto, argumento que é proveitoso engajar com seus escritos.

O capítulo 11 de *Mente* levanta questões importantes sobre a natureza dos problemas científicos e artísticos. O economista, o administrador, o gestor de políticas públicas devem ser cuidadosos para não tratar o problema econômico como se fosse uma história de detetive – ao encontrar um único culpado e automaticamente resolver o problema quando o culpado é exposto e preso.

A vida real não é uma história de detetive. Existem consequências reais, que necessitam de uma dose saudável de ceticismo em qualquer solução apresentada por qualquer tipo de expert. Sayers pode contribuir a essa discussão ao nos lembrar desses princípios de ceticismo e laborar em direção a uma economia melhor, onde o trabalho é vocativo e a humanidade se desenvolver.

Referências

ACCOCELLA, N.; DI BARTOLOMEO, G.; HUGHES HALLET, A. *Macroeconomic paradigms and economic policy: from the Great Depression to the Great Recession*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

ADDISON, P. *The road to 1945: British politics and the Second World War*. London: Pimlico, [1975] 1994.

ALMEIDA, R. G.; CASONATO, L. Ciência é contar histórias: a ciência econômica como narrativa. *História Econômica & História de Empresas*, v. 26, n. 2, p. 372-407, 2023.

BACKHOUSE, R. E.; BATEMAN, B. W.; NISHIZAWA, T. Liberalism and welfare state in Britain, 1890-1945. In: BACKHOUSE, R. E. et al (eds.). *Liberalism and welfare state: economists and arguments for the welfare state*. Oxford: Oxford University Press, p. 25-38, 2017

¹⁸ Ver o “princípio da mão oculta”, descrito por Hirschman ([1967] 2009, p. 12)

¹⁹ Ver o trabalho de William Easterly, por exemplo, um ex-economista do Banco Mundial que passou a criticar como o Banco Mundial e o FMI empobrecem as nações que supostamente eram para ajudar (EASTERLY, 2006, 2014).

²⁰ Por exemplo, ver sua crítica ao conceito de conversões (ao cristianismo, normalmente) convenientes e “justiça poética”, pois elas empobrecem a arte (SAYERS, 1941, p. 63).

- CALDWELL, B. *Hayek's challenge: an intellectual biography of F. A. Hayek*. Chicago: Chicago University Press, 2005.
- COOMES, D. *Dorothy L. Sayers: a careless rage for life*. Batavia: Lion Publishing, 1992. Disponível em: https://archive.org/details/isbn_9780745919225. Acesso em: 13 jan. 2024.
- DE VROEY, M. *A history of macroeconomics from Keynes to Lucas and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- DRUCKER, P. *The end of economic man*. London: Routledge, [1939] 2017.
- EASTERLY, W. *The white man's burden: why the West's effort to aid the rest have done so much ill and so little good*. New York: Penguin, 2006
- EASTERLY, W. *The tyranny of experts: economists, dictators, and the forgotten rights of the poor*. New York: Basic Books, 2014.
- FLETCHER, C. M. *Vocation in work: Dorothy L. Sayers and economic issues*. VII: Journal of the Marion E. Wade Center, v. 26, p. 53-80, 2009.
- FLETCHER, C. M. *The artist and the Trinity: Dorothy L. Sayers's theology of work*. Pickwick Publication, 2013.
- GASPAR, I. *Dorothy L. Sayers & C. S. Lewis: biografia, amizade e vida*. Viçosa: Ultimato, 2023.
- GOMES, T. F. *A Revelação cristã como manifestação da Trindade*. Revista de Cultura Teológica, v. 32, n. 106, p. 225-258, 2023.
- GREGGERSEN, G. *Da mente do criador à mente do tradutor: tradução comentada de The mind of the maker de Dorothy L. Sayers*. (Tese) Programa de Estudos da Tradução do Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.
- HAMILTON, A. Conservatism. In: ZALTA, E. N. (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2020/entries/conservatism/>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- HAYEK, F. A. *The use of knowledge in society*. American Economic Review, v. 35, n. 4, p. 519-530, 1945.
- HITCHMAN, J. *Such a strange lady: an introduction to Dorothy L. Sayers (1893-1957)*. London: Hodder & Stoughton, 1975. Disponível em: https://archive.org/details/suchstrangeladyi0000hite_11e4. Acesso em: 13 jan. 2024.
- KAHN, R. F. *The relation of home investment to unemployment*. Economic Journal, v. 41 n.162, p. 173-198, 1931.
- KENNY, C. M. *Dorothy L. Sayers: the integrity of work*. Listening, v. 15, n. 3, p. 230-240, 1980.
- KEYNES, J. M. *The general theory of employment, interest, and money*. Adelaide: ebooks@Adelaide, [1936] 2010.
- KNOWLES, I.; CASTRONOVA, E.; ROSS, T. Video games, virtual worlds and economics. In: PICARD, R. G.; WILDMAN, S. S. (ed.). *Handbook on the economics of the media*. Cheltenham: Edward Elgar, p. 237-258, 2015.
- LERMITTE, J. Dorothy L. Sayers: war, women, and work. In: HILDER, M. B.; PEARSON, S. L.; VAN DYKE, L. N. (eds.). *The Inklings and culture: a harvest of scholarship from the Inklings Institute of Canada*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, p. 316-329, 2020

- LEWIS, C. S. *That hideous strength*. London: The Bodley Head, 1945), 22, 317, Disponível em: <https://www.fadedpage.com/showbook.php?pid=20141232>. Acesso em: 13 jan. 2024. Edição brasileira: LEWIS, C. S. *Uma força medonha*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- MIDDLETON, S. *The crisis of democracy in inter-war Britain*. *The Historical Journal*, v. 66, n. 1, p. 186-209, 2023.
- MILOS, J. M. *"Work Her Soul Must Have": Dorothy L. Sayers theology of work*. *Sewanee Theological Review*, v. 42, n. 1, 1998.
- MORGAN, M. S. *The history of econometric ideas*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- NASCIMENTO, R. R. *O distributismo de Chesterton e Beloc*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2016.
- REPAPIS, C. J. M. *Keynes, F. A. Hayek and the common reader*. *Economic Thought*, v. 3, n. 2, p. 1-20, 2014.
- REYNOLDS, B. *Dorothy L. Sayers: her life and soul*. New York: St. Martin's Griffin, 1993. Disponível: https://archive.org/details/dorothylsayershe0000reyn_n2d4. Acesso em: 13 jan. 2024.
- REYNOLDS, B. *The passionate intellect: Dorothy Sayers' encounter with Dante*. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2005.
- SAYERS, D. L. *Murder must advertise*. New York: Harcourt, Brace and Co., 1933. Disponível em: <https://www.fadedpage.com/books/20090801/html.php>. Acesso em: 13 jan. 2024. Edição portuguesa: SAYERS, D. L. *O crime exige propaganda*. Lisboa: Livros do Brasil, 2018.
- SAYERS, D. L. *Begin here: a war-time essay*. London: Victor Gollancz, 1940. Disponível EM: <https://archive.org/details/beginherewartime0000doro>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- SAYERS, D. L. *The mind of the maker*. London: Methuen, 1941. Disponível em: <https://www.fadedpage.com/showbook.php?pid=20140909>. Acesso em: 13 jan. 2014.
- SAYERS, D. L. *The Faust legend and the idea of the Devil*. *Publications of the English Goethe Society*, V. 15, n. 1, p. 1-20, 1945.
- SAYERS, D. L. *Letters to a diminished church: passionate arguments for the relevance of Christian doctrine*. Nashville: W Publishing, 2004. Edição brasileira: SAYERS, D. L. *Cartas a uma igreja acanhada*. São Paulo, Thomas Nelson, [2004] 2022.
- SAYERS, D. L. *A mente do criador*. 1941. In: GREGGENSEN, G. *Da mente do criador à mente do tradutor: tradução comentada de The mind of the maker de Dorothy L. Sayers*. (Tese) Programa de Estudos da Tradução do Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, p. 114-327, 2014.
- SAYERS, D. L. *A mente do criador*. Trad. Gabriele Greggersen. São Paulo: É Realizações, [1941] 2016.
- SCAGGS, J. *Crime fiction*. London: Routledge, 2006.
- SCHAKE, K. *Safe passage: the transition from British to American hegemony*. Cambridge: Harvard University Press, 2017.
- SIMMONS, L. K. *Creed without chaos: exploring theology in the writings of Dorothy L. Sayers*. Grand Rapids: Baker Academic, 2005. Disponível em: <https://archive.org/details/creedwithoutchao0000simm>. Acesso em: 13 jan. 2024.

SUPRINYAK, C. E.; OLIVEIRA, T. D. *Economists, social scientists, and the reconstruction of the world order in interwar Britain*. *European Journal of the History of Economic Thought*, v. 25, n. 6, p. 1282-1310, 2018.

WHITESIDE, N. *The Beveridge Report and its implementation: a revolutionary project?* *Histories@Politique*, v. 3, n. 24, p. 24-37, 2014.

XAVIER, L. P. *Servir a Deus ou a Mamom: uma análise exegética de Lucas 16:9-13*. *Perspectivas Teológicas*, v. 52, n. 3, p. 791-810, 2020.